

Virgem mestiça: devoção à Nossa Senhora na colonização do Novo Mundo

*Juliana Beatriz Almeida de Souza**

Dentro da grande mesquita há entre salas onde estão os ídolos principais, todos de maravilhosa grandeza (...) Os principais destes ídolos e nos quais eles tinham mais fé, eu derrubei de seus assentos e os fiz descer escada abaixo (...) Em lugar dos ídolos mandei colocar imagens de Nossa Senhora e de outros santos (Hernán Cortés).

A Virgem Maria é um dos símbolos femininos mais fortes do mundo ocidental católico, o que, aliás, se pode compreender, levando em consideração o domínio que a Igreja católica teve sobre a vida social, durante séculos, e as marcas que ainda deixa na cultura dos povos de raízes cristãs. Ao longo dos anos e dos Concílios, a Igreja foi amadurecendo suas afirmações doutrinárias relativas a essa figura. E a expansão da sua devoção permitiu a apropriação dessa imagem, que ganhou histórias em diferentes culturas.

As narrativas sobre as devoções marianas podem fascinar. Mas a falta de trabalhos mais sistemáticos de cunho comparativo acerca da devoção mariana, quer no mundo europeu, quer no mundo ibero-americano, tornam difícil o esforço de esboçar esse quadro, não obstante seja ele instigante. Não

*Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Tempo, Rio de Janeiro, nº 11, pp. 77-92

é tarefa fácil encontrar estudos que dêem atenção mais do que passageira ao tema, exceção feita à Virgem de Guadalupe do México, e que não estejam comprometidos, quer por um posicionamento católico militante, quer seja por seu oposto.

Ainda assim, ciente dos riscos, proponho, nas páginas seguintes, um esboço panorâmico da devoção mariana na colonização ibérica da América, a fim de avaliar sua importância no âmbito do catolicismo colonial,¹ ressaltando o fenômeno da Vila de Guaratinguetá, origem da história da padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida. Por isso, aqui se encontrará um pouco das histórias de Maria no Novo Mundo e um esforço de aproximação entre elas, procurando perceber os significados que as fizeram importantes para o mundo ibero-americano. Como símbolos, as imagens da Virgem são passíveis de diferentes interpretações. Imagens, feitas ícone e discurso, cujas leituras permitem penetrar no universo das representações. Segundo R. Darnton,² “os historiadores da cultura talvez tenham a ganhar se (...) pensarem nos simbolismos como polissêmicos, fluidos e complexos”. É seguindo essa orientação que minha reflexão procura caminhar.

* * *

A descoberta da América recolocava a questão da antiga crença na quarta parte do mundo. Durante toda a Idade Média, aventou-se a possibilidade de um quarto continente, além dos já conhecidos Europa, Ásia e África. Mas, com a “descoberta”, tornava-se imprescindível comprovar alusões/profecias à sua existência nas Sagradas Escrituras. No século XVI, o jesuíta Anchieta, em seu sermão da Assunção, dizia que Deus conferiu à Virgem Maria a missão de multiplicar seus filhos, estendendo a ela a quarta parte do mundo, para ali, também, repartir suas graças.³

Atrás do porto de Palos, de onde saíram as embarcações comandadas por Colombo — uma delas, a Santa Maria — ficava a capela de Nossa Senhora de Rábida, de quem o navegador era devoto, e que, mais tarde, seria cha-

¹ A expressão é usada por Laura de Mello e Souza (*O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989), referindo-se às manifestações assumidas pela cultura cristã na colônia portuguesa da América.

² Robert Darnton, *O beijo de Lamourette*, SP, Companhia das Letras, 1990, p. 289.

³ Teresa Baumann, *A Gesta de Anchieta: a construção do “outro” nas idéias e práticas jesuíticas nos quinhentos*, Niterói, 1993, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense.

mada de Nossa Senhora das Américas ou de Virgem do Descobrimento da América. Segundo alguns relatos, todas as noites era entoada a “Salve Rainha”, durante a travessia. A segunda ilha nomeada por Colombo foi chamada Santa Maria da Conceição. A expedição de Cabral chegou às novas terras trazendo a imagem de Nossa Senhora da Esperança. Antes de sair de Portugal, o navegador teria pedido proteção a Nossa Senhora de Belém. A Primeira Missa na colônia teria contado com o retábulo de Nossa Senhora da Piedade. A devoção mariana, assim, aportava em terras ameríndias com os primeiros navegadores.

A expansão do catolicismo foi estimulada desde o início da colonização ibérica. A instituição do padroado real da Igreja do ultramar, exercido pelas Coroas Ibéricas, era revelador da estreita aliança entre o altar e o trono, apesar das não poucas divergências. Segundo C. R. Boxer, o Padroado Real Português pode ser “vagamente definido como uma combinação de direitos, privilégios e deveres, concedidos pelo papado à Coroa portuguesa, como patrono das missões católicas e das instituições eclesásticas na África, Ásia e Brasil”. Seu campo de ação no ultramar foi, durante muito tempo, apenas limitado pelos direitos, privilégios e deveres paralelos, conferidos ao Patronato Real da Coroa de Castela.⁴

Desse modo, a cristandade, aqui, uniria os interesses políticos aos religiosos. Não é de estranhar, portanto, que, como expressão do sistema colonial, tenha colaborado em guerras contra os ameríndios e na expulsão de franceses e holandeses e, ainda, tenha tolerado a escravidão, construindo-lhe um discurso legitimador.⁵

Durante mais de cem anos, a colônia portuguesa na América só contou com um único bispado, o da Bahia, criado em 1551. Em 1576, foi criada a Prelazia do Rio de Janeiro.⁶ As Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, de 1707, foram a única legislação eclesástica em todo o período colonial. O Concílio de Trento não contou com prelado colonial algum para assis-

⁴ Charles R. Boxer, *A Igreja e a expansão ibérica (1440 — 1770)*, Lisboa, Edições 70, 1989, p. 99.

⁵ Cf. Ronaldo Vainfas, *Ideologia e escravidão: os letrados e a sociedade escravista no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1986.

⁶ Até 1551, na América portuguesa, a Igreja Católica esteve subordinada ao Arcebispado de Funchal. O Bispado de Salvador esteve subordinado, desde a sua criação, ao Arcebispado de Lisboa. A Prelazia do Rio de Janeiro só se tornou Bispado após cem anos da sua instalação. Só então, ao que parece, a estrutura eclesástica ganhou impulso, adequando-se “à expansão territorial e à maior densidade do processo civilizatório”. Fortunado Almeida, *História da Igreja em Portugal*, Porto, Livr. Civilização Ed., 1968, v. 2, pp. 23, 33-34.

tir as suas sessões, assim como não formulou, entre suas resoluções, uma política específica para o Novo Mundo. Distante de Roma, com uma estrutura eclesiástica fluida, tendo nos jesuítas os primeiros organizadores do catolicismo na colônia, nossa religiosidade foi marcada, assim, por seu caráter específico: colonial. “Branca, negra, indígena, refundiu espiritualidades diversas num todo absolutamente específico e simultaneamente multifacetado”.⁷

Foi a partir do final do século XVI que se iniciaram as expedições, espontâneas ou orientadas pela Coroa, que incursionavam pelo interior, à cata de *riquezas*: índios para escravizar, metais e pedras preciosas, notadamente o ouro. Não foram poucos os que desejaram driblar a pobreza do planalto vicentino com as riquezas das matas. Guaratinguetá foi uma das primeiras vilas estabelecidas, em 1656, com a expansão do povoamento no Vale do Paraíba. Habitações de pau-a-pique, erguidas ao redor da capela de Santo Antônio, no pequeno outeiro à margem direita do Paraíba, deram início à vida do povoado: Santo Antônio de Guaratinguetá. Passagem comum aos roteiros do caminho da Vila de São Paulo e do caminho velho da Cidade do Rio de Janeiro para as Minas Gerais e para o Rio das Velhas,⁸ a vila desenvolveu-se, mesmo após a segunda metade do século XVIII, marcada por uma economia de subsistência. A descoberta de minas, em 1693, por Antônio de Arzão, provocou grandes migrações para as áreas das Minas Gerais, fazendo com que povoados, como o de Guaratinguetá, se firmassem como zona de passagem, cujas roças de mantimentos e feitorias de pesca garantiam a subsistência não só de seus moradores, mas também de tropas que por ali passavam. As incursões sertanistas trouxeram, para toda a região vicentina, um maior número de negros — escravos — bem como o aumento da população mameluca. Todos nascidos e criados em extrema pobreza: rudes padrões de habitação, alimentação e vestuário.

Em 1709, desmembraram-se da Capitania do Rio de Janeiro as regiões de São Paulo e das Minas, formando a Capitania de São Paulo e a das Minas do Ouro. A medida significou uma centralização do poder, que se expressou na fundação de vilas, pelo governador Antonio de Albuquerque, com o objetivo de melhor ordenar a população. A primeira delas, criada em abril de 1711, foi a Vila do Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo — mais tarde, Mariana — três meses depois, seguiu-se a fundação da Vila Rica de Albuquerque, logo

⁷ Laura de Mello e Souza, *op. cit.*, 1989, p. 88.

⁸ Antonil, *Cultura e opulência do Brasil*, São Paulo, Ed. Nacional, 1967, pp. 248-288.

rebatizada de Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar, e a da Vila Rica de Nossa Senhora da Conceição do Sabará.⁹ Vale notar aqui que todas as três vilas receberam nomes de Nossa Senhora, revelando a força da devoção mariana naqueles tempos, por aquela região.

Foi, então, em uma ambiência de miséria e de conflitos, de busca do maravilhoso e do rompimento de fronteiras, de encenação do poder e da profanação do sagrado, que d. Pedro de Almeida Portugal atravessou a Capitania de São Paulo e a das Minas do Ouro, para, de Vila Rica, exercer seu cargo de governador. Era 1717.

D. Pedro de Almeida Portugal foi nomeado em março de 1717, por d. João V, para substituir d. Baltasar da Silveira. Chegou ao Rio de Janeiro em junho, tomando posse, em setembro, em São Paulo. A 1^a de dezembro do mesmo ano, fez sua entrada solene em Vila Rica. Só em 1718 foi nomeado conde de Assumar, como acabou sendo mais conhecido e como consta nos documentos que relatam o encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida.

O governador passou pela Vila de Guaratinguetá, provavelmente entre os dias 17 e 30 de outubro, quando, então, se deve ter dado o *milagroso* encontro.¹⁰ Segundo a tradição devocional, os pescadores foram convocados pela Câmara para que apresentassem todo o peixe que pudessem. Pretendiam preparar um banquete em homenagem a d. Pedro de Almeida Portugal. Entre os pescadores, estavam Felipe Pedroso, João Alves e Domingos Garcia. Os três lançaram sua redes insistentemente no Rio Paraíba, desde o porto de José Correia Leite até o de Itaguaçu, sem obterem resultado. A época não seria boa para pesca. João Alves, em mais uma tentativa, atirou de novo a rede. Foi, então, que, sentindo um peso em sua malha, puxou-a e percebeu, no seu fundo, um pequeno objeto de cor escura. Os pescadores identificaram-no como sendo a imagem de Nossa Senhora, sem a cabeça. João Alves atirou de novo a rede. Veio a cabeça da imagem. Os três guardaram-na no barco, voltando-se para a pesca. Daí em diante o sucesso da pesca foi tal que os pescadores, por medo de naufragarem, retiraram-se, voltando para suas casas.

Felipe Pedroso foi quem conservou a imagem em sua casa, tendo unido a cabeça ao tronco com “cera da terra”. Após a sua morte, seu filho, Ataná-

⁹ Laura de Mello e Souza, *Desclassificados do ouro*, 3^a ed., Rio de Janeiro, Graal, 1990, p. 104.

¹⁰ “Diário da Jornada que fez o Exm^o Sr. Dom Pedro desde o Rio de Janeiro até a cidade de São Paulo e desta até Minas, ano 1717”, *apud* João Corrêa Machado, *Aparecida na história e na literatura*, Campinas, s/ed., 1975, pp. 156-157.

sio Pedroso, construiu um altar e um oratório para a imagem, que ganhou manto e coroa artesanais, e a devoção foi crescendo. Já na segunda metade do século XVIII, capelas e oratórios dedicados a Nossa Senhora da Conceição Aparecida foram construídos em outros lugares, nos quais a fama da Senhora foi levada por tropeiros, sertanistas e mineradores, desde Sorocaba até Campos de Curitiba, Laguna e Viamão, na direção sul; e a Cuiabá e a Goiás. Aparecida *seguia* o caminho do ouro.

Assim, primeiro, eram as famílias que se reuniam todos os sábados — dia, então, consagrado ao culto mariano — para, diante da imagem, rezarem o terço e cantarem em seu louvor. Depois, eram os que passavam pelo caminho e vinham pedir ou agradecer sua intercessão. O título de “Aparecida” parece ter surgido nesses primeiros tempos devocionais, denotando as circunstâncias do encontro dessa imagem de Nossa Senhora da Conceição: *aparecida* das águas.¹¹

A imagem da Aparecida, feita de terracota, mede cerca de 39 cm de altura. Foi esculpida, provavelmente no século XVII, por um ceramista beneditino, discípulo do Frei Agostinho da Piedade, o Frei Agostinho de Jesus, que trabalhou em São Paulo por volta de 1650. Originalmente, segundo perícia feita, ela teria sido policromada sobre o tom claro, cinza ou rosado do barro paulista, depois de cozido, com um manto azul-escuro, forrado de vermelho-granada. Mas o tempo que ficou submersa nas águas, junto ao lodo do rio, tornou-a escurecida e sem o colorido do manto.¹²

¹¹ Diz um trecho da “*Annua* da Província Brasileira de 1750”: “Chegaram finalmente à Capela da Virgem da Conceição [...] que os moradores chamam ‘Aparecida’ porque, os pescadores tendo lançado suas redes no rio, recolheram primeiro o corpo, depois, em lugar distante, a cabeça da imagem.”, Júlio Brustoloni, *Milagres da Senhora Aparecida: história popular do Santuário*, Aparecida, Ed. Santuário, 1985, p. 31. Vale notar que o título *Aparecida* não é exclusivo dessa imagem. Em 1721, o pescador Domingos André Ribeiro, saindo para pescar, encontrou, em uma gruta de pedras, por onde entrava o mar bravo, um imagem feita de nogueira, com um palmo e três dedos de comprimento, desbotada nas suas cores, só com a coloração ainda perfeita no rosto e nas mãos, mas dando a perceber que se tratava de uma imagem de N. S. da Conceição, por trazer a lua sob os pés. Os textos mais antigos, encontrados com o título *Aparecida*, dizem respeito a essa devoção do santuário de Cabo Frio, no Rio de Janeiro: a expressão *Virgem Aparecida*, em 1721, *Senhora Aparecida*, em 1724, e, em 1731, D. João V usa, em documento oficial, a denominação *Nossa Senhora da Conceição Aparecida*. V. João Corrêa Machado, *op. cit.*, 1975, pp. 179-182. Cf., também, Alberto Lamego, *Verdadeira notícia do aparecimento da milagrosa imagem de Nossa da Conceição que se venera na cidade de Cabo Frio*, Paris, L’Edition d’Art Gaudio, 1919.

¹² Júlio Brustoloni, *A Senhora da Conceição Aparecida: história da imagem, da capela, das romarias*, 6ª ed., Aparecida, Ed. Santuário, 1986. pp. 14-17.

Se os limites entre a América portuguesa e a espanhola não foram rígidos geograficamente, sendo palco de disputas, no campo das religiosidades o ir-e-vir de influências também parece estar presente, aliás, desde a Península Ibérica. Luiz Mott procurou resgatar quais elementos e tradições da religiosidade do Brasil tiveram na Espanha sua origem e inspiração, tendo encontrado quatro canais, através dos quais se fez mais notável essa influência:

(...) através de sacerdotes espanhóis que aqui missionaram; pela tradição do culto a diferentes invocações de Nossa Senhora, cujas aparições se deram originalmente em território espanhol; pela devoção a santos e santas hispânicos e, finalmente, através de tratados de teologia e espiritualidade traduzidos do espanhol para a língua portuguesa.¹³

Entre os santos, um dos exemplos do autor é s. Pedro de Alcântara, de Estremadura, que viveu entre 1499 e 1562. Rigoroso reformador da Ordem Franciscana na Espanha e em Portugal e conselheiro de Santa Teresa D'Ávilla e do rei d. João III, seu culto se propagou no Brasil, especialmente no século XIX, por ser o principal patronímico do nosso segundo Imperador. Mais do que isso, s. Pedro de Alcântara seria ainda patrono secundário do nosso país.¹⁴ A influência espanhola, no entanto, pode ter sido ainda maior, se levarmos em conta o que L. Mott diz, citando o padre Machado:

Segundo alguns estudiosos de nossa história religiosa, 'a estátua de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, não é senão a cópia em barro, do retrato miraculoso da aparição de Nossa Senhora de Guadalupe', uma portentosa evidência de quanto a mariologia hispânica marcou nossa piedade popular.¹⁵

Na verdade, as semelhanças, entretanto, não parecem passar daquelas relativas à representação oficial da Imaculada Conceição, isto é, o manto azul e, aos pés, a meia-lua e o anjo. De comum, ainda, entre a Virgem de Guada-

¹³ Luiz Mott, *A influência da Espanha na formação religiosa do Brasil*, Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993, p. 8.

¹⁴ Segundo José Oscar Beozzo, até a proclamação de Nossa Senhora Aparecida, o padroeiro principal era S. Pedro de Alcântara, "por força do nome do primeiro e do segundo imperador do Brasil, ambos com o nome de Pedro. Impunha-se à nação o santo protetor da casa reinante, de escassa penetração popular." Com a proclamação de 1930, torna-se padroeiro secundário. José Oscar Beozzo, "A Igreja entre a Revolução de 30, o Estado Novo e a redemocratização", Bóris Fausto (org.), *História geral da civilização brasileira*, São Paulo, Difel, 1984, Tomo III, vol. 4, p. 294.

¹⁵ Luiz Mott, *op. cit.*, 1993, p. 18.

lupe e a de Aparecida, há o tom escurecido da cor das imagens, relacionado, em um caso, aos índios, e, no outro, aos negros. Não há, porém, o que comprove ter sido essa característica copiada, ainda que a semelhança possa ter significado uma vantagem em ambos os casos, tornando-se um dos elementos importantes para a sua posterior transformação em símbolos nacionais.¹⁶

Caberia, talvez, perguntar se a devoção a Nossa Senhora de Guadalupe foi importada diretamente da Espanha — onde sua aparição se deu, em finais do século XIII, para o pastor Gil Cordero, no sítio Villuercas, em Toledo, que recebeu o encargo de fazê-la venerada em todo mundo — ou se chegou através do México, onde a Virgem, em 1531, apareceu, no monte do Tepeyac, ao índio Juan Diego, e lhe pediu que intercedesse junto ao Bispo para que este construísse um templo em sua honra. Essa foi a interpretação de Megale, para quem,

(...) de Portugal, para onde foi levada por dois lusitanos que estiveram no México, a devoção de Nossa Senhora de Tepeyac veio para a Terra de Santa Cruz, com os primeiros colonizadores. Os pardos e os mestiços tomaram logo a Virgem Morena por padroeira, erigindo-lhe templos na Bahia e em Olinda.¹⁷

Assim, em 1590, um dos fundadores da Capitania de Sergipe, o capitão-de-mar-e-guerra, Pedro Homem da Costa, lá se estabeleceu, colocando sua estância sob a proteção da Virgem de Guadalupe. Em 1614, ela teria ajudado na expulsão dos franceses do Maranhão, e Jerônimo de Albuquerque se teria tornado herói da expulsão, após invocar sua proteção.¹⁸ Mas os descendentes de Pedro Homem da Costa vieram para São Paulo e formaram uma fazenda perto de Guaratinguetá, onde ergueram uma ermida em homenagem a Guadalupe. Pouco depois, na primeira década do século XVIII, em conflitos com os mamelucos, a capela teria sido arrasada e a imagem, quebrada em dois pedaços, separada a cabeça do corpo. Um escravo, encarregado de fazer desaparecer a imagem, a teria atirado no rio.¹⁹ Esse relato, portanto, explicaria o aparecimento da imagem quebrada nas águas do Paraíba e a idéia de que a imagem da Virgem de Aparecida é uma representação da Guadalupe.

¹⁶ Nossa Senhora de Guadalupe foi declarada padroeira do México em 1754 e das Américas, em 1910; Nossa Senhora Aparecida tornou-se padroeira do Brasil em 1930.

¹⁷ Nilza Botelho Megale, *107 invocações da Virgem Maria no Brasil: história, iconografia, folclore*, Petrópolis, Vozes, 1980.

¹⁸ *Ibid.*; cf. também João Corrêa Machado, *op. cit.*, 1975, pp. 98-99.

¹⁹ Paulo Seabra, *O retrato de Nossa Senhora*, Petrópolis, Vozes, 1954.

De qualquer forma, Nossa Senhora de Guadalupe mereceu, na América portuguesa, vários altares,²⁰ em que foi venerada, e, na América espanhola, a Virgem Morena do Tepeyac, cujo culto se caracterizou sempre por expressões variadas de devoção coletiva, teve reconhecida sua proteção, tanto pelos índios quanto pelos *criollos* ou espanhóis.²¹

A devoção à Virgem de Guadalupe, no México, estava ligada, no seu início, à prática jesuítica de rezar o rosário. Sua primeira igreja, cuja obra se completou em 1622, foi construída com a ajuda dos devotos, notadamente *criollos*, demonstrando a força do culto desde o seu começo. Em 1694, foi inaugurado um novo prédio, edificado no mesmo lugar do anterior, como fazia o antigo costume asteca de sempre construir as suas pirâmides no local das precedentes. As dimensões desse novo prédio fizeram dele um destaque entre os templos marianos na América espanhola.²²

A basílica da Guadalupe não foi a primeira construção religiosa no monte do Tepeyac. Antes dela, o lugar tinha abrigado o templo da deusa asteca da fertilidade, Tonantzin, que era associada à lua e possuía poder de proteger o seu povo, o que possibilitava a construção de laços de similitude com a Guadalupe. O poder sagrado da imagem provocou peregrinações desde os primeiros tempos do culto, assim como expressões variadas de devoção coletiva. O monte era, ao mesmo tempo, visitado por autoridades mexicanas e pessoas ilustres.²³

Foi na segunda metade do século XVII que veio o reconhecimento da aparição, pela Santa Sé. Segundo Lafaye, no entanto, para os doutores da Igreja só havia mais uma imagem da Virgem Imaculada; para os espanhóis, era uma cópia da Guadalupe de Extremadura, mas, aos olhos dos índios, no Tepeyac, só estava a deusa-mãe dos astecas, Tonantzin.²⁴ Com a cor morena, Guadalupe fez dos *criollos*, mestiços e índios um só povo, unido pela fé, ainda que não se tivessem eliminado as diferenças culturais. Para o autor, muito antes de ter consciência de estar formando o povo mexicano, os mexicanos tiveram consciência de serem filhos de Guadalupe.²⁵

²⁰ Cf. Agostinho de Santa Maria, Fr., *Santuário mariano, e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora...*, Lisboa, Oficina de Antonio Pedroso Galram, 1722, tomos 9 e 10.

²¹ Jacques Lafayete, *Quetzacóatl y Guadalupe*, México, Fondo de Cultura Económica, 1992, *passim*.

²² *Ibid.*, pp. 384-386.

²³ *Ibid.*, p. 386.

²⁴ *Ibid.*, p. 388.

²⁵ Jacques Lafayete, *Mesías, cruzadas, utopías. El judeo-cristianismo en las sociedades ibéricas*, México, Fondo de Cultura Económica, 1984, p. 135.

Como *mãe* especial, a Virgem de Guadalupe pode dar vida e esperança aos mexicanos, mas sua importância para estes, segundo Wolf, está também em dar forma às suas maiores aspirações políticas e religiosas.²⁶ Para os índios, Guadalupe representava a esperança de salvação no retorno de Tonantzin e, mais ainda, um testemunho simbólico de que, como os espanhóis, podiam ser recebidos e salvos pelo cristianismo. A Virgem lhes garantia um lugar na ordem e na organização social da Nova Espanha e lhes trazia a promessa de libertação da opressão colonialista. Para os mestiços, ela também assegurava um lugar na sociedade, fazendo com que se percebessem como mexicanos e acreditassem que o México poderia libertar-se do domínio espanhol.

Se a primitiva imagem do Tepeyac era uma cópia da espanhola Virgem de Guadalupe de Villuercas, a intervenção da Guadalupe nas terríveis inundações no México, em 1629, fez com que se iniciasse seu processo de “mexicanização”.²⁷ As diferentes etnias pertencentes ao México passaram a ter em comum a devoção a Nossa Senhora de Guadalupe. Ao aparecer a um índio, Guadalupe teria elegido um humilde, como aquele que deveria transmitir sua mensagem, que poderia, assim, atingir toda a comunidade, conferindo um caráter popular à sua devoção. Segundo Wolf, o símbolo da Guadalupe une, ao mesmo tempo, as noções de família, política e religião, fornecendo uma “representação coletiva” da sociedade mexicana.²⁸

A Virgem de Guadalupe pode ser um símbolo para uma sociedade que afirmou, assim, sua identidade nacional. Espécie de paradigma da devoção latino-americana a Nossa Senhora, ela se tornou a padroeira principal da América Latina. Em 1963, foi inaugurada a primeira igreja-paroquial dedicada especialmente ao culto de Nossa Senhora Aparecida, fora do território brasileiro: foi no México, país da Virgem de Guadalupe.

Outra narrativa devocional mariana aponta para possíveis conexões com a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Por volta de 1630, o português Antonio Farias Sá, desejando construir uma capela em honra da Virgem Maria, na sua Fazenda Sumampa, em Santiago del Estero, na Argentina, escreveu para um amigo seu, também português, morador de São Paulo, para que lhe conseguisse uma imagem da Imaculada Conceição. Seu amigo, então, lhe enviou duas imagens: uma da

²⁶ Eric Wolf, “The Virgin of Guadalupe: A Mexican Symbol”, A. W. Cessa & E. Z. Voot, *Reader in comparative religion*, New York, 1965, p. 229.

²⁷ Jacques Lafayete, *op. cit.*, 1992, p. 408.

²⁸ Eric Wolf, *op. cit.*, 1965, p. 230.

Imaculada Conceição e outra da Virgem, com o Menino Jesus nos braços. Os caixotes com as imagens chegaram ao porto de Buenos Aires e de lá foram mandados por carretas para Sumampa. No caminho, fizeram uma parada para descanso, à margem esquerda do Rio Luján. Ao amanhecer, quando puseram os carros para se mover, os bois não conseguiram tirá-los do lugar. Depois de várias tentativas, alguém da comitiva sugeriu que fossem retirados os caixotes. Um por um, foram sendo retirados, para ver se a carreta voltava a andar, mas isso só aconteceu quando um certo caixote foi retirado. Ao ser aberto, percebeu-se que era o da imagem da Imaculada Conceição.

A mensagem parecia, então, clara: a Virgem não desejava deixar aquele local. A imagem foi, então, levada para uma fazenda próxima, e um escravo negro, que acompanhava a viagem, resolveu acompanhá-la, para dedicar-se à Virgem. O lugar ficou conhecido como o da “detenção da carreta” ou do “Milagre de Luján”. A partir daí, começaram as peregrinações e os milagres.

Chamam a atenção as semelhanças dessa imagem com a de Nossa Senhora Aparecida, mesmo considerando os signos comuns à Imaculada Conceição.

Imagem pequenina (38 centímetros de altura), de terracota, mãos juntas ao peito, a lua debaixo dos pés, sobre nuvens, rodeada de anjos. O corpo todo coberto com um manto de cetim azul, bordado de ouro, deixando aparecer somente o rosto e as mãos. Um colar com uma cruz e na cabeça uma coroa imperial.²⁹

Lida fora de contexto, essa descrição bem que poderia passar como a da Virgem de Aparecida, salvo por um detalhe ou outro. As semelhanças se tornam ainda mais expressivas e instigantes, ao se considerar que foi um morador de São Paulo a fornecer a imagem ao português, na mesma época em que se estima a feitura da imagem de Aparecida.

Outras narrativas marianas ressaltam a idéia de uma teimosia da Virgem na escolha do lugar em que quer ficar. Está presente, por exemplo, na história de Nossa Senhora dos Anjos, da Costa Rica, e de Nossa Senhora da Paz, de El Salvador.

Os relatos sobre a devoção à Nossa Senhora do Coromoto, da Venezuela, também merecem destaque. Segundo Ferreira,³⁰ em 1652, o cacique Coromoto e sua mulher se dirigiam à lavoura, quando viram uma belíssima mu-

²⁹ José Lélío Mendes Ferreira, *Maria na América*, Bragança Paulista, A & B Editora, 1992.

³⁰ *Ibid.*

lher com um menino no colo, andando sobre as águas do rio. A mulher dirigiu-se ao cacique e, falando em sua língua, ordenou que fosse aonde moravam os brancos e se batizasse. Coromoto, convencido, procurou a catequese, mas logo perdeu o entusiasmo e abandonou o estudo. A Virgem, então, lhe teria aparecido de novo e insistido com ele. O cacique se revoltou e disse que não faria o que ela pedia, argumentando: “Por ti deixei os meus afazeres e vim passar aqui dificuldades”. Sua mulher tentou acalmá-lo, mas Coromoto, não suportando a presença da Virgem, que lhe sorria, pegou o seu arco e atirou-lhe uma flecha, com ponta de pedra, gritando: “Só te matando me deixarás”. E a Virgem desapareceu. O cacique ficou imóvel, com uma das mãos fechada. Ao abri-la, nela apareceu uma pequena imagem resplandecente da Virgem. Coromoto levou a imagem para casa que se tornou local de orações e romarias.

Essa narrativa impressiona pela diferença da atitude do visionário e dos personagens, em geral, dóceis e solícitos. Aqui, trava-se um verdadeiro embate e a atitude do índio revela as dificuldades que podiam ser enfrentadas pelo seu povo nos aldeamentos catequéticos. É uma narrativa, ao mesmo tempo, com elementos de violência e de rara beleza.

Finalmente, é interessante observar um quadro com os países da hoje América Latina e suas respectivas Virgens padroeiras ou de mais significativa devoção.³¹

País	Nossa Senhora	Início da devoção	Milagres principais	Personagens
Argentina	de Luján	Séc. XVII	“Detenção da Carreta”	Fazendeiro português e escravo negro
Bolívia	de Copacabana	Séc. XVI	A imagem feita pelo índio e auto-restaura, tornando-se bela e aceitável para devoção.	Índio de descendência inca
Brasil	Aparecida	Séc. XVIII	Encontrada nas águas do rio, com o corpo separado da cabeça.	Três pescadores mamelucos

³¹ *Ibid.* No quadro, usei a expressão devoção *importada* para falar das devoções que, introduzidas a partir dos colonizadores, não tiveram fato especial algum ocorrido na colônia que as fizessem ganhar um tom novo, local, como a aparição da Virgem, ou de uma imagem sua, ou a confecção de uma imagem sua por colonizados.

Virgem mestiça: devoção à Nossa Senhora na colonização do Novo Mundo

Chile	do Carmo	Séc. XVII	Devoção <i>importada</i>	San Martín, às vésperas da Independência do Chile, coloca o exército dos Andes sob a proteção da Virgem do Carmo.
Colômbia	de Chiquinquirá	Séc. XVI	A Virgem se desprende da imagem de um quadro e torna-se resplandecente, restaurando toda a pintura, em estado de deterioração.	Uma espanhola, uma índia e seu filho mestiço
Costa Rica	dos Anjos	Séc. XVII	Encontrada em um bosque, a imagem teima em para lá retornar até que o padre local reconhece o milagre e ali resolve construir um oratório para a imagem.	Uma jovem negra
Cuba	da Caridade	Séc. XVII	A imagem foi encontrada, boiando sobre uma tábua, nas águas do mar, depois de três dias de forte temporal, estando suas vestes de pano secas.	Dois índios e um escravo negro
El Salvador	da Paz	Séc. XVII	Encontrada dentro de uma caixa, que estava atirada nas areias, é levada até as autoridades em um burro, que empaca na praça, diante da Igreja.	Mercadores
Equador	de El Quinche	Séc. XVI	Aparições aos índios de uma tribo, pedindo um altar em troca da proteção contra ursos, que os atacavam.	Índios da tribo e artista espanhol, que presenteia a tribo com uma imagem da Virgem em troca de madeira.
Guatemala	do Rosario	—	Devoção <i>importada</i>	—
Honduras	de Suyapa	Séc. XVIII	A imagem da Imaculada Conceição incomodava as costas do lavrador, que tentava dormir na relva. Jogada ao longe, ela retorna. O rapaz coloca na mochila o objeto, que só vai reconhecer na manhã seguinte.	Um jovem lavrador

México	de Guadalupe	Séc. XVI	Aparição, deixando sua imagem pintada no poncho mexicano.	Índio
Nicarágua	La Puríssima	—	Devoção <i>importada</i>	Missionários franciscanos, que introduziram a devoção à Imaculada Conceição.
Panamá	da Assunção	—	Devoção <i>importada</i>	Missionários franciscanos que introduziram a devoção à Assunção de Maria
Paraguai	de Caacupé	Séc. XVII	Encontrada dentro de uma mala, por um índio, quando baixavam as águas do rio, que inundara aldeias indígenas	Dois índios: o que pescou a imagem e o que, segundo a tradição, a teria feito, anos antes, como pagamento de uma promessa que fez à Virgem, quando estava sendo perseguido por índios de uma tribo inimiga, e ela o salvou.
Peru	das Mercês	—	Devoção <i>importada</i>	Mercedários
Rep. Dominicana	de Altagracia	—	Um dono de terras procura uma imagem de N. S. de Altagracia a pedido de sua filha mais nova, sem sucesso, nem o Arcebispo a conhecia. Um velhinho se apresenta como tendo uma imagem, oferece-a e depois some.	Colonos
Uruguai	dos Trinta e	Séc. XVIII	Proteção à Pátria, no momento da independência	Os 33 homens comandados pelo general A. Lavalleja, que participaram da independência uruguaia.
Venezuela	Coromoto	Séc. XVII	Aparece a índios e lhes pede sua conversão ao cristianismo.	Cacique Coromoto

O quadro nos revela dados interessantes. O primeiro deles é a incidência, na América espanhola, de relatos em que índios aparecem como interlo-

cutores da Virgem. Os casos se repetem na Bolívia, na Colômbia, no Equador, no Paraguai, na República Dominicana e na Venezuela, além do já citado caso mexicano. Narrativas, envolvendo personagens negros, encontramos na Argentina e na Costa Rica. E há o caso de Cuba, onde a Virgem teria sido encontrada por um negro e um índio, juntos. Ainda se pode notar a importância dada aos índios para o crescimento das devoções *importadas*, como na Guatemala, além do caso da Virgem de Honduras, conhecida como *Morenita*.

É também interessante marcar que, na América espanhola, o tema indígena aparece mais forte, possibilitando-nos levantar a hipótese de que Maria, ao falar ora com índios, ora com negros, em uma sociedade colonial com dificuldade para integrá-los, abria um canal para a Igreja chegar àqueles que estavam mais distantes do seu discurso. A Igreja encontrava um meio de transformar o colonizado, potencialmente rebelde, em aliado, no fortalecimento da sua presença nas colônias americanas. Não seria casual, portanto, tantos episódios de aparição a índios, na América espanhola, uma vez que a sua domesticação, inclusive como mão-de-obra, foi uma preocupação mais constante do que na América portuguesa. Nesse sentido, pode-se buscar o entendimento da atribuição da cor negra³² à Aparecida, processo que percorreu longo caminho até ser incorporado pelo discurso oficial. Possivelmente, tal percurso se tenha dado com outras Virgens da América espanhola, o que, por si só, seria assunto de grande interesse.

As várias invocações e representações da imagem de Nossa Senhora demonstram a multiplicidade de realidades que esse símbolo pode incorporar. Talvez seja exatamente aí que resida a sua força: ao ser única e ao poder tomar diferentes representações, Maria se consolidou como mediadora do povo cristão junto a Deus. Intercessora especial, única a gozar o privilégio da proximidade de Deus e dos homens, se fazia, ao mesmo tempo, elo de ligação entre o Céu e a terra. Mais do que isso: na América, identificando-se com a cor de negros, índios e mestiços, fazia-se mediadora cultural³³ entre o universo letrado e o mundo a ser conquistado pela fé católica.

Importante notar, enfim, que a imagem de Nossa Senhora da Conceição foi encontrada no Rio Paraíba, numa época e num meio geográfico e so-

³² Vale ressaltar que o fenômeno das Virgens negras não é exclusivo da América. Há o caso da Virgem negra Czestochowa, padroeira da Polônia, e o da padroeira da Catalunha, entre outras, seguindo um fenômeno mais antigo da cristandade.

³³ Cf. Michel Vovelle, *Ideologias e mentalidades*, 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1991.

cial em que a devoção mariana tinha espaço para se expandir e se propagar. A criação do mito da Senhora Aparecida das águas não está isolado, mas, ao contrário, pertence a um universo de crenças e práticas religiosas que cabia à Igreja Católica normatizar e incorporar.